

Novas observações sobre

*Novas observações sobre a passagem ao ato*¹

Primeiramente, obrigado por esse amigável convite que muito me interessa, pois é importante para mim compartilhar uma questão, que diria ser minha quase “desde sempre”, ao menos desde a infância, ou até mesmo antes de meu nascimento, a saber, a da loucura. Eu a localizo assim, e talvez ela tenha o acordo de vocês. Michel Foucault citava Pascal em sua *História da loucura na idade clássica*:

Os homens são tão necessariamente loucos que seria louco, por outra forma de loucura, não ser louco de modo nenhum.

Quem tiver lido essa obra tão decisiva terá aprendido que com essa “outra forma de loucura”, Foucault designava a psiquiatria nascente, ou o alienismo, no qual eu destacaria que, com Pinel assim como, muito posteriormente, com Henri Ey², a palavra *liberdade* se encontra implicada na do alienismo, ou na definição mesma da loucura. Lacan também recusou a distinção louco/não-louco, não há para ele esses dois lados, esse muro, esse confinamento de alguns, essa *contenção* que pretende se justificar como *continência* discriminando os são de espírito e os outros, ELES, os doentes mentais; não há em Freud, em Foucault, em Lacan e alguns outros, NÓS... ELES.

Vistas após sua publicação, essas *Novas observações sobre a passagem ao ato* abriram um *zona* onde, acredito poder dizer a vocês hoje, poderia se inscrever uma inédita versão da passagem ao ato. O livro foi escrito em estreita dependência teórica, em relação à Lacan, e clínica, em relação à recente descoberta de Fethi Benslama, a do dito “salto épico”.

V

Liberar uma zona que dê lugar a uma nova problematização da passagem ao ato exigiu alguns empurrões, um pouco como se abre caminho no meio da multidão compacta. Foi preciso distanciar várias proposições sobre a passagem ao ato, vindas de três horizontes diferentes: os lacanianos, a mídia e Lacan, tal como em si mesmo a eternidade o faz.

I. Os lacanianos, para começar. Aqueles que eu critico no livro incorporaram completamente a passagem ao ato a uma versão do ato que eles reivindicam ter recebido de Lacan. Eles intitularam a reunião de seus trabalhos: *Passar ao ato*, uma clara alusão à passagem ao ato. No entanto e casualmente, essa fórmula elimina a passagem ao ato, pois quem passa ao ato

¹Jean Allouch, *Nouvelles remarques sur le passage à l'acte*. Paris, Epel, 2019.

² Eu também considereei isso a título de um enunciado em posição de axioma (*La Scène lacanienne et son cercle magique*, Paris, Epel, 2017).

não se propõe justamente como eles “passar ao ato”. Curiosamente, enquanto Lacan travou uma batalha contra os psicanalistas da *International psychoanalytic* (A IPA, sigla que Laurie Lauffer lê: “Indústria Psicanalítica Atual”), ao final, eles dizem a mesma coisa que uma psicanalista da IPA, com a qual eu discuti também o trabalho. Eles o fazem afogando a passagem ao ato em um pensamento brando do ato, enquanto que ela, a analista da IPA, mostra sem se dar conta, que o conjunto de regras deontológicas e de práticas que são dadas em seu grupo não tem outro fim senão o de evitar *a qualquer custo* a passagem ao ato – sobretudo a do psicanalista. “Evitar” [éviter] é próximo de “convidar” [inviter]. Evitar convida, se concordamos que um princípio sobre a base de um “nunca mais isso” (fornicações) vira sempre “mais do que nunca isso” (Lacan). Os referidos lacanianos, também eles, *evitam* a passagem ao ato que, no entanto, ocuparam bastante Lacan: as das irmãs Papin, de Marguerite Anzieu, da “Jovem Homossexual”. Falta apreciar se se trata aí realmente, como ele o dizia, de uma passagem ao ato.

Passagem ao ato? Ser acolhido nessa livraria me convida a indicar-lhes o livro de Carlos Bousquet, que foi publicado atualmente pela editora Epel, *Les Quatre Crimes de Ricardo Melogno* (Os quatro crimes de Ricardo Melogno), e que menciona claramente tantas passagens ao ato estranhamente idênticas. Um romancista que, não tendo outra intenção senão a de falar sobre uma publicação, ao dialogar com o criminoso, obtém outra coisa do que aquilo que lhe faria dizer um terapeuta.

Com as *Novas observações sobre a passagem ao ato*, proponho instaurar outra e diferente relação à passagem ao ato, menos temerosa e escrupulosa, nem mesmo paradoxalmente incitativa, a de não mais considerá-la, antes de tudo, como sendo a coisa a ser evitada, por pior que seja. Pois reina um *assombro* da passagem ao ato³ que, notadamente, faz esquecer que *se a loucura é uma “doença da liberdade” (Henri Ey), é se dirigindo ao louco, não como a um alienado, mas como um ser livre, que poderemos ajudá-lo a se aperceber que ele exerce sua liberdade no seio mesmo de sua loucura*. Esse assombro impede de ver uma passagem ao ato em gestos julgados menores (por exemplo: quebrar uma pilha de pratos, queimar jornais ou sair de um cômodo batendo a porta), pois a primeira manifestação na qual se pensa diante da simples menção do sintagma “passagem ao ato” é o assassinato ou o suicídio.

Esse assombro é um dos sinais e uma das manifestações de uma relação escrupulosa com a morte. Philippe Ariès foi o primeiro a estabelecer que, desde a hecatombe de 1914-1918, o Ocidente se desviou da morte e assim fazendo tornou a morte “selvagem” ou, como eu disse, “seca”⁴; Não restando mais nenhum meio minimamente sustentado de domesticá-la, de lidar com [faire avec], se que é que isso seja possível. E essa seca se encontra na evitação tão generalizada da passagem ao ato.

Se é verdade que o assombro não é bom conselheiro, conviremos que essa evitação da morte traz um problema para o clínico. Ela torna sua posição rígida; ela não o deixa livre de suas

³ Poderemos a respeito disso assistir o debate proposto por Patrick Landman: “Les médicaments psychotropes sont-ils le remède à la souffrance psychique?” <https://www.youtube.be/o6SUa6ubegj>, out/2019.

⁴ *Érotique du deuil au temps de la morte sèche*, Paris, Epel, 1997. (*Erótica do luto no tempo da morte seca*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2004). A cremação seca os corpos.

intervenções. Essa *liberdade*, ele não a encontrará senão ao estar um pouco advertido do que se chamou, há séculos (a Bíblia, a Índia antiga), “o entre-duas-mortes”⁵, que é, desculpe se vou muito rápido, *o espaço mesmo onde se situa a loucura*. Um suicídio, um assassinato, fica inacessível se compartilharmos o preconceito comum, segundo o qual, para cada um, a vida é a coisa mais preciosa que existe.

II. Seria preciso também afastar a ideia comum da passagem ao ato tal como a veiculam as mídias, abrindo suas colunas aos experts, sociólogos, psiquiatras ou psicanalistas. Um assassinato jihadista não é uma passagem ao ato, como eles não cessam de dizer e escrever. Por qual razão? Porque ele *se inscreve em um relato* que, justamente, lida com o entre-duas-mortes, essa zona para além da morte física. Ela difere do crime das irmãs Papin que permanece para sempre sem explicação. O apoio tomado ou não em um relato *discrimina* a passagem ao ato do salto épico que, esse, tal como o ato jihadista sabe e por vezes até mesmo anuncia o que o motiva, sendo realizado em conhecimento de causa, mesmo que não seja em *todo conhecimento de causa*.

III. Seria preciso também afastar certas proposições de Lacan que dava a entender que alguma coisa, às vezes uma palavra, uma frase, uma fala se manifestaria no ato em vez de ser dita. Exemplar disso lhe pareceu a dita⁶ “passagem ao ato” da “Jovem Homossexual” de Freud, a saber, Margareth Csonka. Segundo a primeira apresentação que fez a respeito, sua passagem ao ato teria representado um parto, jogando com as duas significações do significante *niederkommen* (“deixar cair” e “parto”, “dar a luz”) – o que ela teria feito ao se jogar por cima do parapeito de uma ponte sobre uma via férrea. Essa fala *suposta* (por Lacan, apoiando-se em Freud) teria *passado ao ato*, ou melhor, *no ato*: “Eu também, como minha mãe, atualmente grávida, desejo dar a luz a um filho do meu pai.” Essas pretensas “interpretações” me provocam frouxos de risos. Por que ela não teria simplesmente dito essa fala, ela que era tão livre a ponto de amar, aos quatorze anos e para a grande decepção de sua família, uma prostituta nobre?⁷ Não o sabemos. Contudo, abordamos usualmente a passagem ao ato munidos de tal teoria “psicanalítica”, que supõe que a passagem ao ato é portadora de um dizer que não consegue se formular em palavras. Essa teoria não é, ao examiná-la, nada mais do que um preconceito, confortado pelo Lacan dos anos 1950 e que negligencia o que é um ato, qualquer que seja ele.

V

Assim, uma zona foi liberada para que tome lugar aí uma nova concepção da passagem ao ato que obtenha suas marcas em uma experiência, ao mesmo tempo, comum e banal. Thomas Diet, o esquiador do *free style* apresentado na capa do livro, saltando de uma vertiginosa parede de rocha, exprimia em uma só frase, seu lema: “Refletir é capitular.” É verdade em muitos outros esportes e também em outros lugares... Se no momento de lançar uma bola em

⁵ Ver meu artigo “Folie, première et seconde mort”, *L'Évolution psychiatrique*, vol. 81, n.1, Jan-mar 2016.

⁶ “A dita” porque eu mostrei que não se tratava de uma passagem ao ato em *Ombre de ton chien. Discours psychanalytique, discours lesbien*. Paris, Epel, 2004.

⁷ Ines Rieder, Diana Voigt, Sidonie Csillag, *Homosexuelle chez Freud, lesbienne dans le siècle*, trad. do alemão por Thomas Gindele, Paris, Epel, 2003.

um campo de tênis, eu penso: “Onde vou jogá-la, no campo direito ou esquerdo do meu adversário?” a cada vez ela ficará na rede.

O mesmo acontece com qualquer decisão que se queira implementar. Na época em que íamos, em grupo, nos deitar no divã de Lacan⁸, um colega nos contava que passava suas sessões a se perguntar qual nome iria escolher para sua filha que estava para nascer. Cada vez que pensava em um nome, ele descobria na sessão todos os horrores que estava prestes a lhe impor. Então, ele renunciava ao nome, e eu ignoro como seu problema pôde ser resolvido. Poderia ser que, por causa da análise, essa filha jamais recebesse um nome. Pensar, analisar ao *seu modo*, quer dizer *enquanto ser pensante*, o inibia.

Na América Latina, os Argentinos são objetos de chistes um pouco como os Belgas na França, mas por motivos opostos: muita inteligência, dom da palavra, audácia. Assim eles são vistos por seus colegas latinos⁹. A mulher de um amigo meu contou um: quando um homem beija uma mulher, na Argentina, me diz ela sorrindo, a mulher o interrompe com um gesto da mão, empurrando-o diz: “Espere, eu preciso primeiro pensar nisso”. *Espera, tengo que pensar*. Uma Mexicana, contava-me essa Mexicana, reage diferente, de um modo que se diria em linguagem moderna: “Legal, que bom, continue! Isso é muito bom!”, *Que bueno... sigue...*

Pensar inibe o ato, basta mencionar o sintoma obsessivo, para não duvidar mais¹⁰. Isso Lacan o selou em uma fórmula que desmembrava o cogito cartesiano e que, ao seu modo, diz a mesma coisa que o lema do meu amigo campeão de *free style*: “Ali onde eu penso, eu não sou, ali onde eu sou eu não penso.” O analista não convida o analisante a dizer o que ele pensa, e sim o que lhe vem à mente... Ao que conviremos, é muito diferente: de um lado, uma mestria, de outro um desapego. Alguém que comece uma frase por “eu penso que...”, vocês podem estar certos que ele está em outro lugar do que ali no que ele lhes diz. Vocês aceitariam uma declaração de amor se uma ou um lhes dissesse: “Eu penso que te amo”? Não, vocês a ou o deixariam com seus pensamentos... “O amor não pensa... ele nada mais é do que – pois isto está afirmado em Freud – efeito de narcisismo”, assinalava Lacan.¹¹

O que chamamos de pensar? Perguntava-se, Martin Heidegger. Não precisaremos esperar a resposta dos ditos “Pré-socráticos” (não o eram em vida). Em vez disso proporemos uma resposta analítica: há “pensamento” quando o discurso se torna libidinoso, quando é investido por uma pulsão parcial que o elegeu como um lugar de seu gozo; ele se satisfaz aí. O anal, notadamente aqui, triunfa sempre, quando o orador anuncia a chegada de uma proposição,

⁸ Esclarecimento: nós não éramos cinco ou seis deitados ao mesmo tempo no divã de Lacan. Nós voltávamos de um distante CMPP (Centro Médico Psico-pedagógico) do subúrbio espremidos em um mesmo carro e nós nos apresentávamos ao mesmo tempo à porta de seu consultório.

⁹ Como mostra um chiste muito conhecido: “Como se suicida um argentino?” Resposta: “Ele sobe em cima de seu ego e se joga”.

¹⁰ Exemplo típico, relatado por Freud em suas “Observações sobre um caso de neurose obsessiva” (*Cinq psychanalyses*, trad. do alemão por M. Bonaparte e R. Loewenstein, Paris, PUF, 1954, p.222): “O homem dos ratos” retira uma pedra da estrada, por onde sua “dama” iria em breve passar, pensando que ela (a pedra!) poderia lhe ocasionar um acidente. Freud: “Mas, alguns instantes depois ele se diz que era absurdo e teve que retornar para recolocar a pedra no meio da estrada.” Visto muito superficialmente, o que é que faz com que esse homem se apegue a essa pedra nessa estrada? Seus próprios pensamentos. Eles lhe apresentam *tanto* uma possibilidade *quanto* outra, oposta. Estar colocado em posição de eleger *tanto* uma *quanto* outra, eis aí o que o pensamento oferece, assinalando assim sua participação no registro do imaginário.

¹¹ *A Lógica do fantasma*, 25 de janeiro de 1967.

colocando assim seu público em espera, depois, bem mais tarde, a lança apresentando-a como uma maravilhosa novidade – prometida a ser em breve jogada fora. Os exemplos não faltam nas proposições de Jacques Derrida conferencista, de Jacques Lacan seminarista.

V

Eu então revisei a questão da passagem ao ato do único modo que acredito estar conforme ao método analítico, a saber, o estudo minucioso, *amplo e detalhado* do caso. O caso, tal como o sonho, apresenta uma tão densa rede de dados *cifrados* que ele *obriga* sua análise a não se estacionar em intempestivas considerações a comentá-lo. Comentar um sonho não é interpretá-lo – ainda que o analisante que o comenta, queira ele ou não, está associando.

Permanecemos no comentário visando à satisfação de si mesmo e dessa sociedade que deve ser “defendida”¹², quando vamos procurar no cérebro de um Antoine Léger (ele violou e matou uma menina de doze anos, bebeu seu sangue, lambeu seu coração) as “disposições maníacas, naturais e adquiridas, *as mais comprovadas*”¹³ (seu advogado, se referindo à Pinel, Fodéré e Esquirol)¹⁴. O mesmo acontece quando “explicamos” os crimes sem motivo – não por loucura criminal, mas unicamente crime como loucura¹⁵ - como “causas sócio-fisiológicas” (a frenologia), ou quando forjamos o conceito do “criminoso-nato” (Cesare Lombroso). Seria mesmo uma verdadeira aproximação do caso, por exemplo, quando doutor Marchal de Calvi indica François Bertrand, o “vampiro de Montparnasse”, como “um exemplo de monomania destrutiva complicada pela monomania erótica e tendo iniciado por uma monomania triste”¹⁶? Será que tendo deixado a monomania nos esquecimentos da história (Jean-Pierre Falret), colocamos um termo ao comentário, ao que Marc Renneville chama de um “defesa cognitiva”¹⁷? Podemos estar certo de que não. Atualmente, os exemplos não faltam para testemunhar isso e onde, dentre outros, a psicanálise tomou a frente. Persistimos no comentário quando consideramos o crime com um “sentimento inconsciente de culpabilidade”.

Um capítulo do livro foi então consagrado ao assassinato de sua mulher por Louis Althusser. Outro capítulo foi dedicado à heroína do romance *A Amante inglesa* de Marguerite Duras. Claire Lannes matou e depois cortou em pedaços o corpo da sobrinha do homem com o qual ela vivia sem amá-lo. Especialmente, a análise desse último gesto, tão violento, fez aparecer uma combinação de uma passagem ao ato e de um salto épico, que se revelou ser uma maneira de luto. “Trabalho de luto”, dizemos depois de Freud. Não, o luto não é um trabalho.

¹² Essa temática é tão antiga quanto a interrogação psiquiátrica sobre os “crimes imotivados” (aqueles que parecem não depender de uma loucura pré-existente, aqueles que são por si só uma loucura), ela a acompanha em permanência. Para outros, é a humanidade, ou a raça mesma que é atingida pelo crime, desonrada. Assim as avaliações e os julgamentos feitos se mostraram mais fundamentados no pretense estrago infligido à sociedade, à humanidade, à raça, do que nos atos incriminados. Ver Marc Renneville, *Crime et folie. Deux siècles d'enquêtes médicales et judiciaires*. Paris, Fayard, 2003.

¹³ Sublinho.

¹⁴ Marc Renneville, *op. cit.*, p. 108 sq.

¹⁵ Esta distinção é a coluna vertebral de *Crime et folie*. Ela recorta e assim confirma a do salto épico (loucura criminal) e da passagem ao ato (loucura do crime), apresentada em minhas *Nouvelles remarques sur le passage à l'acte*. Paris, Epel, 2019.

¹⁶ Marc Renneville, *op. cit.*, p. 133 sq.

¹⁷ *Ibid.*, p. 439.

O luto é doravante freudianamente pensado nas mesmas coordenadas mal ajustadas como é pensada a passagem ao ato.¹⁸

Na loucura também um luto tenta se efetuar, assim como nas análises. Desde 1914-18, todo enlutado inventa uma maneira singular de luto. Um salto épico violento, tal como o de Claire Lannes, pode também valer e ser reconhecido como uma modalidade de luto – a sua. E ainda convém distingui-lo da passagem ao ato, sendo o que esse livro atualiza através desses dois assassinatos.

V

Todavia, me parece aqui oportuno lembrar, nessas *Novas observações sobre a passagem ao ato*, um traço que se apresenta como uma dica, dirigida muito especialmente ao analista tomado no mais efetivo de sua prática. Trata-se de um conceito que poderia ser tomado como teratológico, uma vez que ainda se tem dificuldade em conceber o que Lacan introduziu falando de uma “passagem ao ato esclarecida” ou ainda “advertida”. Essa curiosa passagem ao ato consistiria para o analista em não pensar de jeito nenhum, pois “*é ao não pensar que ele opera*”¹⁹, foi especificado – nada menos do que isso! Aliás, eu pude testemunhar: durante meus vários anos de análise com ele, Jacques Lacan jamais me comunicou um pensamento seu a meu respeito. E foi melhor assim... melhor para mim, mas também para ele. Eu fiz minha análise *sozinho com ele* – esse “sozinho” que comporta o espanhol quando se diz: “Eu me analisei com...” (atividade) e não como em francês: “Eu estive, ou eu estou em análise com...” (passividade). Esse “sozinho” é também o que responde uma criança ao adulto lhe propondo sua ajuda na tarefa que ela se deu (por exemplo, subir em uma bicicleta pela primeira vez): “NÃO, sozinho!” replica a criança afastando com um gesto o adulto, o que esse último aceitará se puder captar a que ponto essa decisão da criança é séria, ou seja, subjetivamente vital. Longe de contradizer o amor, deixar o outro, o amado, ser só (em certas circunstâncias), pode valer como um gesto de amor.²⁰

Estamos aqui há anos luz do pensamento. Que se tornaria a entidade dita “esquizofrenia” se renunciássemos a vê-la, com Bleuler, como um “transtorno do pensamento”? O exemplo que ele dá de tal “transtorno” é ridículo. Ele pergunta a um paciente reconhecido por ele como esquizofrênico: “Onde se localiza o Egito?” Como em certos programas de televisão atualmente, a questão se dirigia ao que chamaria de “cretino escolarizado”, ou até diplomado superior. Sua pergunta recebe como resposta: “Entre a Assíria e o Estado do Congo.” Bleuler comenta:

Já o fato de associar em seu pensamento um dos mais velhos Estados do mundo a um dos mais modernos só é possível quando a noção de tempo, que no homem normal não deixa jamais de exercer seu papel no inconsciente [haveria “noções” no inconsciente?], é negligenciada pelo doente. Mas aproximá-los da noção [de novo!] de Egito é ainda mais bizarro do ponto de vista geográfico. A ideia mais ao alcance como “Nordeste da África” não surge no doente, mas em contrapartida a de um país pertencendo a outro continente e cuja fronteira nem chega a tocar

¹⁸ Eu me expliquei a respeito em *Érotique du deuil au temps de la morte sèche*, Paris, Epel, 1997. (*Erótica do luto no tempo da morte seca*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2004).

¹⁹ Jacques Lacan, “Résumé du séminaire *L’Acte psychanalytique*”, 1967-68. Essa proposição foi escrita.

²⁰ Eu me expliquei a respeito em *L’Amour Lacan*. Paris, Epel, 2009. (Jean Allouch, *O Amor Lacan*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2010).

a do Egito, e em seguida a de outro país que só está indiretamente em relação com o Egito por intermédio do Sudão. E, no entanto, a resposta do doente provaria que ele conhecia bem a situação geográfica do Egito.²¹

Ficamos felizes em saber que Eugen Bleuler conhecia bem sua geografia da África. Para além das noções “de tempo” e de “espaço” julgadas doentias, Bleuler vê, imediatamente depois de ter recolhido essa resposta “defeituosa”, um “transtorno das associações”, um “relaxamento das associações” (associações de ideias, portanto), um relaxamento que é suposto tornar anormal o pensamento, julgado no critério do pensamento do psiquiatra, ou então de suas “noções”. “Associação” não tem aqui a mesma significação em Freud, para quem qualquer outro termo pode estar associado a um termo, onde tudo é bom, onde não há resposta certa que seria esperada, como acabamos de ver que ela foi para Bleuler.²² Vemos claramente aqui qual era a posição normativa e pouco agradável em relação ao paciente, daquele que foi o primeiro a mencionar o autismo.

Proceder de forma que se cale o/seu pensamento, que ele não sobrecarregue mais, eis aí aquilo do que se trata para o analista, isto é sua *ascese operante* produzindo certo efeito no analisante. Mas, como fazer com que se cale, que cesse de pensar? O analista é silencioso de várias formas. Quando esses incômodos pensamentos se calam, eles dão lugar a certo silêncio que não é de recuo. Qual silêncio?

Wittgenstein soube permanecer nesse silêncio dizendo se encontrar, a respeito da ética, “diante da porta da solução sem ver suficientemente claro para abri-la”. Manter-se assim diante de uma porta enquanto se quer passar para o outro lado não é coisa tão fácil, tanto quanto o analisante, também ele, deseja atravessar essa porta que mantém em interrupção seu percurso analítico e espera que seu analista lhe ofereça os meios. Um Wittgenstein, igualmente às vezes um Lacan, souberam não se furtar a essa pouco agradável experiência de um calar, de uma imobilidade, diante da porta, ainda que tantas evasões sejam possíveis. Não é preciso muito para propor um saber “psicanalítico” que, embora suspeitando que não valha nada, dê, a quem o diz e a quem o escuta, a impressão, a ilusão de uma transposição.

Esse tão singular silêncio do analista intervém no analisante como o que é suscetível de dirigi-lo para a inexistência do Outro, esse lugar onde não se encontra a solução que ele espera, mas outra, à primeira vista decepcionante, ou traumática (Lacan). Eu lhes digo isso muito rapidamente, eu devo então esclarecer. O ponto de partida dessa tese de Lacan se encontra no seu remanejamento do cristianismo. A conversão do cristão consiste em se tornar outro do que si mesmo: “Eu vivo, mas não sou mais eu, é o Cristo que vive em mim”²³ dizia São Paulo²⁴ “Há ali coincidência do sujeito da manifestação com o sujeito de seu desaparecimento”, observa Chevalier. E o mesmo acontece na análise lacaniana, com um desaparecimento do “si

²¹ Eugen Bleuler, “La Schizophrénie”, rapport de psychiatrie lors de la XXX session du congrès des aliénistes et neurologistes de France et des pays de langue française, 2-7 août 1926 (Paris, Masson em C^{ie} Éd., 1926).

²² “Assíria” seria uma “associação” tão mal vinda? Se “Egito” evoca as pirâmides, os faraós e outras velharias, associá-lo à “Assíria” não aparece tão mal vindo.

²³ Paulo de Tarso, “Epístola aos Gálatas”, II: 20.

²⁴ Encontramos uma discussão desse ponto na notável contribuição de Philippe Chevalier ao livro publicado por Sandra Boehringer e Laurie Laufer (dir.) *Après les Aveux de la chair. Généalogie du sujet* chez Michel Foucault (Paris, Epel, 2020).

mesmo”, não para dar lugar ao Cristo, mas a um Outro inexistente que ocupa o protagonismo sem que esse apresente o mínimo fundamento.

É assim, em minha opinião, que opera a ascese do analista (do analista sem “psi”²⁵, pois o “psi” pensa e pode chegar a ser um tagarela). Em *A Tempestade*, Shakespeare diz, também ele, com uma só palavra, o que seria o efeito de tal calar: “O homem que fala renuncia aos seus encantamentos”. Esse calar que, com Lacan, digo ser o do analista, dá lugar para que, no analisante, se realize essa renúncia que depende *apenas do fato* de falar.

Mais uma vez obrigada pelo convite que me oferece a oportunidade de evocar tudo isso com vocês. Pois faço minha a maneira pela qual Foucault se dirigia ao seu público. Ei-la aqui:

Eu acredito que estamos aqui, essencialmente para discutir, isto é, que eu deveria não falar de jeito nenhum. Mas enfim, eu suponho que, para que vocês possam exercer seus direito de questão, que será um direito de olhar e um direito de crítica, é preciso que eu me exponha aos seus lances e, por conseguinte, vou apresentar algumas proposições um pouco desordenadas, a partir das quais espero que tenham a ocasião por sua vez de expressar-vos.

Essa proposição foi sustentada na Tunísia em 04 de fevereiro de 1967. Ela acaba de ser publicada em um livro do qual não poderíamos subestimar a importância para a análise: *Folie, langage, littérature*²⁶. Ele deve estar em algum lugar em meio aos livros que nos rodeiam aqui; convido-vos, desde já, a comprá-lo.

²⁵ Daí minha proposição de mudar “psicanálise” para “spicanálise” (*La psychanalyse est-elle un exercice spirituel? Réponse à Michel Foucault*, Paris, Epel, 2007).

²⁶ Paris, Vrin, 2019, p.170.